

### 3.3 O papel da memória na recuperação (imaginária) da paisagem fluvial urbana

**Marluci Menezes** [0000-0001-7031-0053], Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), Lisboa, Portugal, marluci@lnec.pt

**Sara Silva** [0000-0001-9176-9322], ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), Lisboa, Portugal, sara.silva2001@gmail.com

**Resumo** - A partir de uma incursão teórica sobre a noção de memória social, investiga-se como esta tem sido um recurso para incrementar a conexão das pessoas com os rios urbanos. A reflexão realiza-se no âmbito do estudo de caso presentemente em curso em Lisboa e que se dedica à investigação do contributo da memória no resgate da paisagem fluvial para o imaginário social e urbano contemporâneo. Para o efeito, aqui parte-se da relação da memória com os espaços materiais, naturais e mentais das sociedades humanas ligados à recordação de experiências passadas. Neste sentido, explora-se o seu contributo para recuperar os cursos de água para o imaginário social e urbano contemporâneo. Analisa-se como a memória tem sido discutida relativamente aos rios urbanos e que, em decorrência da iminência de riscos e de situações de catástrofes associadas ao sistema fluvial urbano, se tem destacado como recurso para a criação de dinâmicas de adaptação e resiliência. Seguidamente, analisam-se iniciativas que, fazendo recurso à memória ligada aos rios, contribuem para sensibilizar e influenciar a conexão das pessoas com os cursos de água em meio urbano, ainda que isto possa ser sugestivamente.

**Palavras-chave** - Memória social, paisagem fluvial, imaginário social e urbano

**Resumen** - A partir de una incursión teórica sobre la noción de memoria social, el capítulo investiga cómo esta es un recurso para incrementar la conexión de las personas con los ríos urbanos. La reflexión se enmarca en el ámbito del estudio de caso actualmente en curso en Lisboa, que se dedica a la investigación de la contribución de la memoria en el rescate del paisaje fluvial para el imaginario social y urbano. Comienza con la relación entre la memoria y los espacios materiales, naturales y mentales de las sociedades humanas ligadas a la memoria de experiencias pasadas. En este sentido, explora la contribución de la memoria a la

*recuperación de cursos de agua para el imaginario social y urbano contemporáneo. Analiza cómo se ha discutido la memoria en relación con los ríos urbanos y que, ante la inminencia de riesgos y situaciones de desastre asociados al sistema fluvial urbano, se ha destacado como un recurso para la creación de dinámicas de adaptación y resiliencia. A continuación, analizamos algunas iniciativas que, haciendo uso de la memoria ligada a los ríos, contribuyen a sensibilizar y, en cierto modo, incidir en la conexión de las personas con los cursos de agua en las zonas urbanas, aunque esto pueda resultar sugerente. El objetivo es resaltar el papel de la memoria en la recuperación de los imaginarios contemporáneos relacionados con los paisajes urbanos fluviales, muchos de los cuales han desaparecido, otros están uniformados, tantos ocultos por la evolución de las ciudades.*

**Palabras clave** - Memoria social, paisaje fluvial, imaginario social y urbano

## 1. PONTO DE PARTIDA

A água desempenha uma função indispensável para os seres vivos e, como tal, as pessoas estão dependentes dela para viver. As comunidades urbanas foram gradualmente formadas em torno de cursos e reservatórios naturais de água – propiciando a sua evolução –, sendo igualmente construídas ao redor dos locais próximos à água, entretanto fundamental como via de comunicação. Por conseguinte, denota-se a existência de uma longa relação entre rios, cidade e sociedade, integrando-se na história e no patrimônio das cidades atuais (Peixoto, 2016). Não obstante, a par da água e dos rios serem importantes para a história e consequente evolução das cidades, esta evidência nem sempre está presente nas nossas paisagens urbanas contemporâneas, também desaparecendo da memória coletiva.

O capítulo foca a memória como um potencial recurso para a conexão das pessoas com os rios urbanos. A ideia de “conexão” parte da noção de “conectividade social” dos rios, conforme discutida pela hidrologia e ecologia. Segundo Kondolf e Pinto (2017: 182), esta noção refere-se “a comunicação e movimento de pessoas, bens, ideias e cultura ao longo e através dos rios, reconhecendo a conectividade longitudinal, lateral e vertical”. Uma noção que se repercute no papel do rio urbano como “mediador físico e metafórico”, aspecto essencial para a criação de novos espaços públicos de mediação e diálogo intercultural (Chapman, 2019).

Tendo presente o papel da memória como um potencial recurso para o resgate da conectividade e mediação social com os rios urbanos, no empreendimento desta reflexão realiza-se: apontamentos sobre a memória social e os rios urbanos a partir de uma revisão comentada de literatura; sistematização de onze iniciativas que privilegiam o resgate na memória social para dinamizar a relação pessoas e rios urbanos.

## 2. MEMÓRIA COMO CONSTANTE BUSCA DE SIGNIFICADOS

Ao ter por referência os espaços materiais e mentais das sociedades humanas ligadas às experiências passadas (Connerton, 1993; Bosi, 1979), a memória apresenta-se como um potencial elo de conexão entre pessoas, rios, a cidade e a sociedade. Mas, tal como muitos rios se encontram ocultos ou pouco valorizados na paisagem urbana, a sua memória pode não se fazer presente. Isto porque, sendo a memória interdependente do mundo natural e social que nos envolve, tem pertinência associar a mesma ao esquecimento (Fentress e Wickman, 1994).

A memória social envolve conhecimento e recordação, onde a primeira é uma capacidade temporária objetiva e a segunda uma sensação subjetiva. Esta dualidade é controlada conscientemente através do armazenamento da informação e a sua posterior recuperação, formando novos pensamentos (Fentress e Wickman, 1994). Todavia, globalmente, a memória é subjetiva, pois “apesar de refletir uma condição socialmente vivenciada, a memória não é em si o reflexo imediato de um facto histórico” (Menezes, 1996: 275).

A memória social se refere a um conjunto denso e móvel de referências diversas, reconstituídas no presente em função das necessidades da sociedade. A recuperação do passado é correlativa dos interesses e modos de agir dos grupos sociais. Por conseguinte, de uma perspectiva coletiva, a memória identifica-se com um grupo que confere sentido ao passado através das suas experiências, sendo essa a fonte de conhecimento. Ocorre, assim, com base num contexto específico, visto que cada grupo recorda em conjunto a informação de acordo com as suas experiências comuns ao longo do tempo e tradições (Fentress e Wickman, 1994).

O contexto social e físico interliga-se à memória, contribuindo para preservar as imagens identitárias dos grupos sociais, entretanto reproduzidas através da conservação da experiência passada e dependentes das ações, e interesses de cada grupo. A reprodução da identidade dos grupos sociais somente se faz possível se, em paralelo, estes produzirem e conservarem uma imagem consolidada do passado (Halbwachs, 1987). Isto é, um determinado grupo social não é capaz de conservar a sua própria identidade se não tiver interesse na sua reprodução, pois se não houver uma lembrança da mesma, acabará por cair no esquecimento. Por exemplo, a partir de uma pesquisa etnográfica assente em caminhadas pelas margens da Bacia do Una, em Belém do Pará, no Brasil, Soares (2021) observa que a relação das pessoas com as paisagens fluviais a que pertencem alteraram-se em decorrência da urbanização, dando-se uma negação da relação pessoas, rios e cidade no discurso e práticas hegemónicas. Mas, as relações das pessoas locais com as paisagens hídricas de pertencimento “duram no tempo por meio da memória”, pois a água se interpõe nas suas vidas:

*A experiência na Bacia do Una mostrou como a memória vibra no tempo da cidade, estando sujeita aos desígnios dos sujeitos, às discontinuidades de suas experiências, às mudanças em suas*

*trajetórias e aos rearranjos da vida urbana. O trabalho também apontou como a água tem papel fundamental no tensionamento da memória* (Soares, 2021: 604).

A memória social relaciona transmissão e articulação das experiências passadas. Para que seja preservada a identidade de um grupo social, a cultura tem que ser transmitida para outros indivíduos, nomeadamente através da comunicação entre si (articulação). Existe, então, uma agregação entre o passado e o presente, sendo esta uma forma de garantir a reprodução cultural (Menezes, 1996). Contudo, é necessário que a memória social seja constantemente reavivada para não ser esquecida, pois quando não acontece, o grupo social tende a desvalorizar os aspetos que parecem menos satisfatórios, restando apenas uma parte dos mesmos.

O ato de conservação do passado através da memória social é um fenómeno social de características dinâmicas que, para além de uma qualidade retrospectiva, infere uma qualidade prospetiva. Isto é, a memória fornece um ponto de vista para interpretarmos as nossas experiências passadas no presente, bem como uma perspetiva de previsão de uma situação futura (Fentress e Wickman, 1994), numa constante busca de significados.

É nesta perspetiva de constante procura de significados que se discute o papel da memória na reconstrução de imaginários urbanos associados aos cursos de água. Explora-se o contributo da memória para sensibilizar as pessoas para com as paisagens fluviais urbanas. Indiretamente, examina-se como a memória pode persuadir a conexão das pessoas com o ambiente natural em meio urbano, reconciliando-as com os seus rios. E, no que se refere aos cursos de água invisibilizados ou desaparecidos ao longo da história das cidades, explorar o sentido sugestivo da memória na recuperação de paisagens hídricas naturais ocultas. Aqui, “o sugestivo, mais do que o enunciado exato, alarga a percepção do mundo e aumenta as possibilidades de recriá-lo” (Bartalini, 2010: 5). A par do resgate das paisagens fluviais poder apresentar-se como evidência de uma efetiva recuperação ecológica e influenciar o imaginário urbano, através da memória este resgate pode também ser um “elemento de sugestão, deste modo ampliando a sensibilidade para com o ambiente e, ainda que imaginariamente, contribuir para a sua recriação” (Menezes, 2021: 215). Pois, os rios:

*(...) compõem histórias, elencam personagens e evocam memórias. São os rios também frutos dos nossos olhares. Completando, os rios podem ser muito mais frutos de nossas ações e de nossas histórias do que apenas um elemento na paisagem de nossa percepção. Enfim, é o rio este ente concreto aos nossos sentidos e também um “quê” abstrato em nossos pensares* (Fonseca e Carola, 2017: 137).

O ritual detém um papel fundamental na preservação e transmissão da memória, podendo este ser associado à ideia de encenação (Fentress e Wickman, 1994). Isto porque transmitimos como conservamos melhor as experiências vivenciadas ao mostrá-las – por exemplo, através de imagens, gestos, sons –, o que evoca uma articulação entre explicar, narrar

e mostrar. Por exemplo, a recuperação da memória social dos cursos de água escondidos sido protagonizada por diferentes iniciativas: colocação de placas indicativas dos cursos da água ao longo das ruas, intervenções de desenho urbano que representam o percurso do rio, passeios coletivos que percorrem o curso dos rios invisíveis, trajetos sonoros para recuperar a ambiência do correr da água, etc.

### 3. MEMÓRIA COMO INCITAÇÃO DE RESILIÊNCIA

Como elo na formulação e delineação dos factos históricos, a memória é importante para estabelecer a relação indivíduos e rios urbanos. Yavuz (2017) ao retomar os contributos de Kansteiner (2002) na formulação de sistemas de memória urbana, observa três fatores: as tradições culturais e intelectuais, isto é, a existência de espaços socialmente produzidos; os criadores de memória, ou seja, a produção de uma realidade social a partir das tradições presentes, podendo ser distorcida; os consumidores de memória, correspondente aos indivíduos que estão em contacto com quem cria as memórias e, consequentemente, estão expostos à mesma.

A memória social é dotada de complexidade, na medida em que não é algo permanente nem ilimitado no tempo. Como referem Fentress e Wickman (1994), a memória trata de conjunto denso e móvel, entretanto, reconfigurado no presente. Isso faz com que a aprendizagem aliada à experiência e à sua aplicação seja afetada no futuro, uma vez que a memória pode não estar completa – ou até mesmo ser inexistente. A memória social “pode relacionar-se com memórias associadas a sentimentos, valores, práticas ou conhecimento, e memórias físicas com memórias de ruturas físicas” (Bhattacharya-Mis e Lamond (2014: 13). A memória social é, porquanto, um fenómeno subjetivo e dependente das características dos indivíduos, designadamente na correlação com a infância, alterando o seu comportamento; e, também, com uma interpretação distorcida dos eventos. A memória é facilmente moldável, adaptável e influenciável, pelo que a melhor forma de retirar uma aprendizagem da mesma passa por transmitir o conhecimento quase que imediatamente à ocorrência de um dado evento.

A memória é estimulada ou esquecida em função dos espaços físicos, no sentido em que as intervenções e alterações do espaço podem produzir novos significados ou romper totalmente com os já existentes. Yavuz (2017: 314) menciona que “o espaço se torna um nexo de memória a ser formado através de processos sociais com referência a paisagem dos rios”. Por isso, verifica-se a ocorrência de uma escolha entre os aspetos que são lembrados e os que são esquecidos. Desse modo, os rios urbanos não estão contidos na memória social devido a um fraco investimento na manutenção da mesma.

Utilizar a memória social pode, contudo, ser benéfico para uma comunidade, dado que lhe atribui uma identidade específica – ou seja, a população recorda um determinado acontecimento – e, além disso, o armazenamento da informação permite que, em ocasiões

futuras, os indivíduos saibam como agir perante um problema (Madsen e O'Mullan, 2013). A memória social pode estimular à mudança de atitude perante a ocorrência de um fenómeno natural, através da transformação de uma atitude reativa numa atitude proativa (Bhattacharya-Mis e Lamond, 2014). Por esse motivo, desempenha um papel crucial numa comunidade, dado que a sua presença remete para a realização de medidas práticas que permitem reduzir, nesse caso específico, os impactos e as consequências inerentes às cheias e inundações. Face à criação e manutenção de memória social, compreende-se que a ocorrência cheias e inundações em locais propícios a que tais fenómenos aconteçam com frequência, faz com que sejam criadas memórias em torno das consequências inerentes à situação. Como tal, a experiência pessoal permite a apreensão de conhecimento acerca do que fazer e do que não fazer, quando uma determinada comunidade é atingida pelas cheias novamente.

McEwen et al. (2012, 2017) recorre ao conceito de “memória de inundação sustentável”, entendido como o exercício de memória efetuado a nível individual e/ou comunitário, manifestada através da materialização de um determinado acontecimento. Adicionalmente, a memória originada é transmitida entre os habitantes locais e, posteriormente, de geração em geração. Desse modo, entende-se a presença de duas estratégias de manutenção da memória: vertical, que produz conhecimento social, ao longo do tempo, entre os indivíduos; horizontal, que se relaciona com as formas de materialização da memória das cheias na época em que as mesmas ocorreram (McEwen et al., 2017). Em continuidade deste raciocínio, Song et al. (2021) distinguem duas formas de memória: comunicativa – transmitida oralmente através de palavras; cultural – transmitida a partir de textos e documentos. Todavia, tanto a memória comunicativa como a cultural tendem a diminuir gradualmente com o passar do tempo, dando-se o esquecimento. Consequentemente, a perceção para com o risco inerente às cheias é reduzida, dado que a ligação entre os indivíduos e as inundações cessa ao fim de um tempo, não passando entre as gerações. É possível afirmar, então, que a memória coletiva desempenha um papel importante na sociedade, influenciando os comportamentos individuais conforme a experiência e conhecimento adquiridos com base na recordação.

Em suma, o fenómeno das cheias suscita e resulta num interesse ímpar – por parte da comunidade que as vivencia – como consequência da problemática apresentada conjugando, nesse ínterim, o fator de curiosidade com as memórias que são suscitadas. É por esse motivo – e pela probabilidade de esquecimento do ocorrido – que se procede à materialização desses mesmos acontecimentos, preservando a memória coletiva e, concomitantemente, potencializando a troca de conhecimentos e formas de superação do fenómeno. A memória social passa, então, a uma boa parte dos indivíduos pertencentes a uma comunidade, incluindo as crianças. Estas ações permitem a criação do sentimento de resiliência, já que sabem que é uma situação ocorrida anteriormente e que teve solução.

Assim como a memória pode ser uma forma de recordação positiva, de igual modo pode ser uma recordação negativa. Todavia, a memória social pode ser um fator impulsionador à mudança de atitude, constituindo uma resposta positiva (Madsen e O'Mullan, 2013). Bhattacharya-Mis e Lamond (2013) sustentam a perspectiva positiva adotada, ao afirmar que a produção de memória social desempenha uma função de cooperação na criação do sentimento de resiliência, devido à acumulação de experiência e oportunidade de reorganização perante diversas situações.

A memória social de uma comunidade tem a capacidade de tornar um conjunto de indivíduos mais coeso, com um objetivo comum. É nesse sentido que, nas situações em que as comunidades sofrem eventos relacionados com cheias e inundações, são formuladas instituições, onde se procura dar uma resposta mais imediata e positiva para episódios similares. Efetivamente, as instituições permitem que sejam tomadas medidas de ação que controlem os desastres naturais associados às águas. Contudo, para que as mesmas sejam eficazes, é necessário existir confiança por parte dos seus integrantes para com quem toma as decisões (Madsen e O'Mullan, 2013). As instituições e autoridades locais desempenham, neste ponto, uma função crucial, pois influenciam positiva ou negativamente a memória da comunidade, podendo por um lado, fundamentá-la a longo prazo e, por outro, destruí-la por completo (Bhattacharya-Mis e Lamond, 2014).

Porém, uma comunidade pequena tem maiores probabilidades de manter entre si a memória social e a mesma durar várias décadas, na medida em que existe um contacto mais direto entre os indivíduos. O facto de a memória social permanecer no seio de uma comunidade irá potencializar as ações positivas no futuro, integrando um sentimento de resiliência entre os sujeitos envolvidos.

Em contrapartida, Fanta, Šálek e Sklenicka (2019) aferem algumas limitações associadas à memória social, uma vez que a mesma permanece no interior de uma determinada comunidade durante um período relativamente curto. Esse estudo revela que, nos períodos em que se registam inundações em regiões de alojamentos próximos a cursos de água, se verifica uma tendência de deslocação dos habitantes para locais mais seguros – e longínquos de cursos de água. Contudo, umas décadas mais tarde – isto é, entre uma a duas gerações descendentes – decorre uma nova transferência para uma região localizada junto a cursos de água. Por conseguinte, a curta duração da memória pode associar-se a três fatores: a passagem da memória dos indivíduos que experienciaram inundações ser fraca; as gerações jovens não encararem o assunto com a devida seriedade e interesse; as gerações jovens só receberem informações através de palavras, sendo descurada a perspectiva emocional de quem presenciou tais acontecimentos. Griffiths e Tooth (2021), a partir de estudo na Patagónia, concebem as “memórias de inundações sustentáveis” como constituídas pelo património de cheias, memórias populares das inundações, diferentes saberes locais e leigos. Estes autores também observam limitações relativamente à memória e as identificam com: a grandeza da inundação ou seca, sua duração e impacto, e capacidade de memorização.

A memória pode efetivamente ser condicionada pelo facto de os indivíduos que presenciaram um evento catastrófico, ao falecer deixarem de estar presentes para contar a sua própria experiência. Isso faz com que a sensibilização para com o ocorrido diminua com o passar do tempo, pelo que o fenómeno sucedido cai no esquecimento das gerações posteriores (Fanta Šálek e Sklenicka, 2019).

Para Madsen e O'Mullan (2013: 67), “as memórias sociais não representam necessariamente a realidade, embora precise existir um facto ou verdade (...) para ser propagado no seio de uma sociedade”. Por outras palavras, para que sejam tomadas medidas de ação e criado o sentimento de resiliência, as memórias implicam: um facto ou verdade e uma visão positiva. A memória coletiva permite armazenar informação de acontecimentos e fenómenos decorridos durante décadas, servindo de auxílio – e, por vezes, alerta – para a tomada de decisões e realização de escolhas futuras que respeitem a uma ocorrência semelhante aquela já vivida, não sendo uma condição obrigatória a recordação de todos os acontecimentos ocorridos. É importante, sim, que a memória seja demonstrada “através de trabalhos focados na capacidade de aprendizagem dos humanos a partir de desastres naturais ou tecnológicos” (Fanta Šálek e Sklenicka, 2019: 1). Decorre, assim, uma oportunidade de maior consciencialização acerca da frequência das inundações enquanto consequência das alterações climáticas (Song et al., 2021).

348

Poder-se-á ainda referir que a memória social é também afetada pela cobertura mediática dos eventos: se encarada de uma forma positiva, a comunidade procura encarar as adversidades e encontrar soluções; se encarada de forma negativa, as recordações dos acontecimentos relacionados com as cheias serão desanimadoras, pelo que não haverá uma procura pelo reerguer da comunidade (Madsen e O'Mullan, 2013) dando-se deste modo o esquecimento, já que as pessoas obliteram o que não interessa lembrar.

#### 4. PROJECTOS DESENVOLVIDOS EM TORNO DA RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL DOS RIOS URBANOS

O reconhecimento dos rios urbanos enquanto património histórico e natural tem, paulatinamente, ganho uma visibilidade mais expressiva através de estudos e projetos de renaturalização, sobretudo daqueles que envolvem uma determinada comunidade. Neste sentido, efetuou-se um levantamento de projetos e iniciativas (cf. Quadro 1) em torno da recuperação da memória dos rios urbanos e que, em síntese, preocupam-se com o dar a conhecer a memória ambiental (Rocha e Eckert, 2021) de uma região através dos rios, distinguindo a sua importância no desenvolvimento urbano e populacional.

O primeiro projeto – “Aqui Passa um Rio” [1] (Santos, Leirias, Tibério, 2014) – visa despertar a consciência da população para com a existência de águas invisíveis, particularmente no córrego Moringuinhos – situado em São Paulo (Brasil), bem como incentivar à sua memória nos locais por onde circula. Em 2014, desenvolveu-se um plano de quatro

ações, recorrendo-se a: mapas, pesquisa bibliográfica e histórica; ação e investigação no espaço urbano – através de pesquisas, cartografias, uso de estêncil, performances, música, entre outros, incentivando a participação pública. A ativa cooperação da população com as ações do projeto resultou em partilhas de experiências, opiniões e testemunhos sobre a memória das águas.

Seguidamente tem-se o projeto “Rios e Ruas” [2], criado em 2010 com o intuito de promover o reconhecimento da população ao nível da exploração das áreas urbanizadas, levando os indivíduos a refletirem acerca das intervenções e usos da cidade de São Paulo. A metodologia orientou-se para a: criação de obras artísticas urbanas que remetessem para a recuperação de rios; concretização de programas de formação e atualização de educadores para a sustentabilidade ambiental. Promoveu-se a realização de campanhas de sensibilização através de atletas urbanos, para que ocorresse um maior contacto e interação entre indivíduos e natureza, incentivando-se a vivência no espaço. Estas iniciativas atraíram a população para a exploração de cursos de água, por meio de atividades físicas e passeios, aumentando a expressividade dos rios e a sua representação como temática carnavalesca e de teatro.

O terceiro projeto – “Flood Memories” [3] - de origem britânica investiga desde 2014 as formas de recordação das inundações na região de Severn e como essas memórias ligam-se aos habitantes. Primeiramente, criou-se uma dinâmica de troca de experiências e debates entre os representantes da comunidade. Posteriormente, realizaram-se ações de intervenção para com a política e prática da gestão de cheias, e se recolheram relatos e histórias acerca das inundações regionais. Para a divulgação da iniciativa, desenvolveu-se e divulgou-se *blogs*, publicaram-se artigos académicos e implementou-se workshops, e conferências, tornando a causa mais conhecida.

Segue-se o projeto “A Cartografia Histórica ao Alcance de Todos” [4], iniciado em 2009 e desenvolvido pelo Centro de Referência em Cartografia (CRCH) da Universidade Federal de Minas Gerais, no Brasil. Este visa a aproximação do público a documentos cartográficos com valor histórico, científico e cultural, promovendo-os enquanto recursos pedagógicos. De entre as iniciativas desenvolvidas, destaca-se o levantamento histórico-cartográfico dos rios de Minas Gerais. A metodologia apoia-se em três fases: construir mapas, conversar sobre mapas e brincar com mapas (Santos et al., 2014). Com a atividade “Trilhas da cartografia histórica” foram instituídos jogos de memória remetentes para mapas, levando à participação social. Realizaram-se vídeos, divulgados nas redes sociais. A iniciativa pretende incentivar a comunidade a visitar o museu e a imergir numa experiência histórica e cultural. Isso permitiu o decorrer de diálogos entre os espaços escolar e museológico, conjugando aprendizagem cultural com lazer.

Em quinto, salienta-se o projeto “Memória das Águas: levantamento e análise preliminar das fontes alternativas de abastecimento de água no perímetro urbano do município de

Caçapava do Sul”, no Rio Grande do Sul, no Brasil (Santos, et al., 2021), iniciado em 2021. Os objetivos são o mapeamento de fontes de água do perímetro urbano da cidade; geração de conhecimento na população; partilha de informações com a comunidade local; fortalecimento da identidade cultural recorrendo à memória. Metodologicamente destaca-se: levantamento de fontes documentais – fotográfica e jornalística; localização de fontes e respetivas coordenadas geográficas e análise da situação ambiental das fontes identificadas. Destaca-se, ainda, a preocupação pela procura das profissões e indivíduos diretamente associados à água das fontes. Até o momento, realizou-se o mapeamento de um conjunto de fontes que, em parte, foram referenciadas pela comunidade local. O mapa continha as situações ambientais das fontes.

O sexto projeto – “Parque Urbano do Fervença” [5] (2000-2006) – é da responsabilidade do Município de Bragança, em Portugal. Trata de uma regeneração urbana em torno do Rio Fervença, com o estabelecimento de percurso pedonal e ciclovia em seu redor, a valorização do Rio enquanto património histórico, arqueológico e natural, visando a melhoria da qualidade de vida urbana. A metodologia passou pela realização de visitas de campo e a análise de imagens aéreas e de satélite, vias, acesso e formas de conexão, usos e equipamentos urbanos, saneamento e soluções de drenagem urbana. Verificou-se uma melhoria na conexão da população às margens do rio, criando um espaço de lazer ligado à natureza, recuperando a memória histórica da cidade.

350

Em sétimo lugar, ressalta-se o projeto “Entre Rios e Ruas” [6] (Prado, 2013), uma ampla iniciativa sobre a relação cidade-ambiente-indivíduo a partir dos rios e córregos de Belo Horizonte (BH), em Minas Gerais, no Brasil. De iniciativa da artista Isabel Prado que, desde 2006, realiza projetos em torno desta temática, numa primeira instância – a partir do registo de infiltrações nas paredes da casa – deu-se o projeto-vídeo “Mapa Mofo” (2007-2012). Posteriormente, realizaram-se desenhos, fotografias, criação de objetos, vídeos, instalações e performances sobre os rios da região. “Entre Rios e Ruas” mereceu o reconhecimento nacional. Mais tarde, integrou o projeto “Sobre Rios” (iniciado em 2018), disseminado a reflexão em torno do tema noutras localidades, permitindo a participação e consciencialização da população. Descobriram-se córregos e rios invisíveis na cidade, tendo-se registado essas revelações através da implementação de 230 placas, com a designação dos respetivos cursos de água, nas ruas em que se localizam.

O oitavo projeto – “Memória sobre os rios urbanos em Curitiba na perspetiva da História Ambiental” – data de 2013 e, centralizado na população mais jovem, foi aplicado em ambiente escolar (Reque, 2013). Os objetivos foram: desenvolvimento de um panorama histórico e socioambiental sobre os rios curitibanos, por forma a conjugar simultaneamente as ciências humanas e as ciências naturais e oferecer conhecimentos históricos aos alunos sobre onde vivem. Os métodos concentraram-se na: realização de pesquisa teórica, com fichas remetentes para relatos, poesia, hinos, jornais, mapas, imagens de satélite e iconográficas e fotografias de monumentos; recolha bibliográfica de fontes de água, preparação

de roteiro e elaboração de instrumentos de entrevistas, trabalho de campo e realização de entrevistas, observação e registo da paisagem. Os estudantes ficaram a conhecer a bacia hidrográfica que rodeia a escola e refletiram sobre os rios da cidade, compreendendo os processos associados à invisibilização dos rios, reconhecendo-os como património cultural e natural.

Iniciado em 2015, o projeto “MonRiveR: Monelos River Revival” [7] é promovido pela Universidade da Corunha, através do Laboratorio de Ingeniería Cartográfica, o Grupo de Ingeniería del Agua y Medio Ambiente e o Centro de Innovación Tecnológica en Edificación e Ingeniería Civil, com apoio da Fundación Alcoa. Na repercussão do projeto teve influência o documentário de Ángeles Huerta intitulado “Esquece Monelos” (2015-2017) [8], sobre a recuperação da memória da paisagem natural do rio. “MonRiveR” reúne uma proposta de recuperação total da bacia hidrográfica do Rio, seguida da recuperação da memória e interesse social dos rios pelos habitantes e transeuntes. Para Amal Nnechachi Bounous, investigadora do projeto, “se não conheces algo, não podes amá-lo. Quando amas algo, tentas protegê-lo. Este sentimento de pertença ao património cultural e histórico é o que estamos tentando identificar” (Mayán, 2021). Para a materialização do projeto, desenvolveu-se estudos hidráulicos, levantamento das inundações ocorridas, simulações e pesquisa bibliográfica. Para que se tornasse possível a definição de medidas de atuação, analisaram-se intervenções em outros rios, contando-se também com o envolvimento dos cidadãos – recorrendo a diferentes iniciativas informativas e participativas. Observou-se uma maior consciencialização em relação ao Rio e, com os cidadãos, a iniciativa contribuiu para um novo projeto.

Da Costa Rica, a iniciativa subsequente – “Memorias del Río” [9] – apela ao resgate das memórias e histórias dos rios urbanos nacionais, recorrendo ao registo fotográfico para a compilação dos cursos de água existentes. A iniciativa contribuiu para a promoção de atividades ao ar livre, como nadar, pescar, andar de barco e fazer piqueniques, observando-se uma aproximação da população à natureza.

“Coreografias da Água: Pensar o sítio de Lisboa [10] (Alfaiate e Ribeiro, 2021) é a última iniciativa analisada. Trata de uma instalação no âmbito da 4ª Trienal de Arquitetura de Lisboa, apresentada ao público em outubro de 2021 no Reservatório da Mãe d’Água das Amoreiras. A exposição é constituída por 16 painéis com cartografia histórica, fotografia aérea (até meados do século XX) e 12 desenhos (sobre geomorfologia, geologia e hidrologia, natureza humana e processos de resiliência gerados em torno da água). Visou-se apresentar o estuário do Tejo como espaço gerador da cidade, com destaque para o Mar da Palha, considerado elemento agregador da cidade passada e atual. Fazendo uso do elemento sugestivo, a instalação desenvolvia-se insinuando diferentes percursos até o Rio Tejo, com indicações de caminhos que propiciavam a interação dos visitantes com a topografia da cidade a partir da água.

## Quando 1. Síntese de projetos sobre a memória dos rios urbanos.

| Projetos                                                       | Objetivos                                                                                                                                                                           | Metodologias                                                                                                                                                                                                                                    | Resultados                                                                                                                                                                                          |
|----------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Aqui passa um Rio</i> – SP/Brasil                           | Conscientizar para os rios invisíveis e contribuir para a memória.                                                                                                                  | Mapas, referências bibliográficas e informações históricas.<br>Ação e investigação teórico-práticas, cartografias, intervenção, performance, música, ativação dos espaços.                                                                      | Obtenção de histórias, memórias e experiências sobre a água.<br>Partilha de opiniões.                                                                                                               |
| <i>Rios e Ruas</i> – SP/Brasil                                 | Promover o reconhecimento e a exploração de áreas urbanizadas, despertando a reflexão sobre o seu uso.                                                                              | Intervenções artísticas.<br>Ações de educação para a sustentabilidade e de sensibilização.                                                                                                                                                      | Atração de pessoas para a exploração de cursos de água. Ampla expressão dos rios invisíveis, tematizados pelo teatro e Carnaval.                                                                    |
| <i>Flood Memories</i> – Severn/Inglaterra                      | Investigar como as inundações são recordadas e as memórias se ligam à comunidade.                                                                                                   | Troca de experiências e debates entre representantes comunitários e organizações.<br>Ações sobre política e prática de gestão de cheias.<br>Recolha de relatos, exposições e histórias, criação de <i>blogs</i> .                               | Apresentação às comunidades.<br>Publicações acadêmicas, workshops e conferências.<br>Storytelling sobre experiências com desastres.<br>Divulgação em redes sociais.                                 |
| <i>A Cartografia Histórica ao Alcance de Todos</i> – MG/Brasil | Aproximar as pessoas da cartografia histórica enquanto recursos didático, pedagógico e cultural.                                                                                    | Em 3 fases: construindo mapas, conversando sobre mapas e brincando com mapas.<br>Realização e divulgação de vídeos nas redes sociais.                                                                                                           | Diálogos entre museu e escola.<br>Criação de novas oportunidades de lazer cultural.                                                                                                                 |
| <i>Memória das Águas</i> RGS/Brasil                            | Mapear as fontes de água da cidade.<br>Gerar conhecimento e disseminá-lo na comunidade.<br>Promover a viabilidade das fontes e fortalecer a identidade cultural através da memória. | Levantamento documental e topográfico, registo de coordenadas geográficas e fotográficas.<br>Análise da situação ambiental das fontes mapeadas.<br>Levantamento dos agentes vinculados às fontes e profissões que usavam diretamente as fontes. | Mapa com a localização de seis fontes – com referências fornecidas pela comunidade – e situação ambiental.                                                                                          |
| <i>Parque Urbano do Fervença</i> – Bragança, PT                | Requalificação do entorno do Rio.<br>Valorização do património histórico, arqueológico e natural.                                                                                   | Visitas e análises técnico-científicas.                                                                                                                                                                                                         | Melhorias no acesso ao corredor verde e entre as margens do rio.<br>Implantação de equipamentos, circuito pedonal e ciclável.<br>Aproximação das pessoas ao rio e recuperação da memória histórica. |
| <i>Entre Rios e Ruas</i> – BH/Brasil                           | Refletir sobre a relação cidade-meio ambiente-indivíduo a partir dos cursos d'água.                                                                                                 | Criação do “Mapa Mofo” a partir do registo de infiltrações nas paredes da casa.<br>Realização de desenhos, objetos, vídeos, instalações e performances.                                                                                         | Participação e conscientização social.<br>Reconhecimento nacional.<br>Descobrimiento de cursos d'água invisibilizados e implementação de placas com respetivas designações.                         |

|                                                                                                |                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Memória sobre os rios urbanos em Curitiba na perspectiva da História Ambiental – Brasil</i> | Desenvolver um panorama histórico/ socioambiental dos rios curitibanos. Envolver os alunos na história ambiental de onde vivem.              | Estudo bibliográfico, recolhimento de fontes, entrevistas, definição de roteiro para trabalho de campo, observação e registo da paisagem.                                                     | Elaboração de Caderno Pedagógico. Reconhecimento dos rios e bacia hidrográfica por relação à escola. Compreensão do processo de invisibilidade dos rios e destes como património cultural/natural. |
| <i>MonRiverR – Corunha/ Espanha</i>                                                            | Propor a recuperação da bacia hidrográfica do Rio. Recuperar a memória e o interesse social pelo Rio.                                        | Estudos hidráulicos, história das inundações, simulação de experiências, análise bibliográfica e regulamentar, e sobre a atuação em outros rios. Ações informativas e de participação social. | Realização e divulgação de documentário. Consciencialização social para o desaparecimento do rio. Realização de eventos públicos. Elaboração de novo projeto.                                      |
| <i>Memorias del Río – Costa Rica</i>                                                           | Resgatar as memórias e histórias dos rios.                                                                                                   | Compilação de fotografias dos rios urbanos.                                                                                                                                                   | Incentivo a atividades ao ar livre.                                                                                                                                                                |
| <i>Coreografias da Água: Pensar o sítio de Lisboa – Portugal</i>                               | Apresentar o estuário do Tejo como espaço gerador da cidade e agregador do passado/ presente. Insinuar possibilidades de trajetos até o Rio. | Painéis com cartografia histórica, fotografia aérea e desenhos.                                                                                                                               | Instalação com itinerários até ao Rio. Sensibilização para o Tejo na cidade.                                                                                                                       |

## 5. CONCLUSÃO

O capítulo desenvolveu-se a partir de alguns dos aspetos centrais através do qual a memória social tem sido discutida na literatura. Identificou-se certos atributos em que a memória pode ser um recurso para o resgate do imaginário social relacionado com os rios urbanos. Privilegiou-se o papel da memória como elo de mediação e sugestão, criando conexão das pessoas com a paisagem natural, independentemente do seu papel numa efetiva recuperação/renaturalização dos rios. Salientando-se ainda a atenção dedicada às situações de risco e de catástrofes associadas ao sistema fluvial urbano, onde a memória é apresentada como um recurso à adaptação e resiliência. Seguidamente, procedeu-se à análise de onze projetos que têm trabalhado com a memória social dos rios. Estas iniciativas influenciam a conexão das pessoas com os cursos de água em meio urbano, resgatando a paisagem fluvial para o imaginário, a criação de resiliência e consciencialização, potenciando a reconciliação das pessoas com os rios urbanos.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alfaiate, T.A.; Ribeiro, J. M. (2021). Coreografia da Água – Pensar o Sítio de Lisboa. Gráfica Maiadouro: Lisboa. <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/24349?mode=full> Acesso em: 05/04/2022.

Bosi, E. (1979). Memória & Sociedade: Lembrança de Velhos. São Paulo: Companhia de Letras.

Bartalini, V. (2010). *Córregos ocultos em São Paulo*. Atas do I ENANPARQ – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro. <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/18/18-206-1-SP.pdf> Acesso em: 11/05/2022.

Bhattacharya-Mis, N.; Lamond, J. (2014). Socio-economic complexities of flood memory in building resilience: An overview of research. *Procedia Economics and Finance*, 18, 111-119. [https://doi.org/10.1016/S2212-5671\(14\)00920-4](https://doi.org/10.1016/S2212-5671(14)00920-4)

Bosi, E. (1979). *Memória & Sociedade: Lembrança de Velhos*. São Paulo: Companhia de Letras.

Chapman, P. (2019). O rio como mediador: a recuperação de rios urbanos para criar novos espaços de mediação e de diálogo intercultural. *Comunicação e Sociedade*, Vol. especial, 185-198. [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.0\(2019\).3068](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.0(2019).3068)

Connerton, P. (1993). *Como as Sociedades Recordam*. Lisboa: Celta Editora.

Fanta, V.; Šálek, M.; Sklenicka, P. (2019). How long do floods throughout the Millennium remain in the collective memory? *Nature Communications*, 10:1105. <https://doi.org/10.1038/s41467-019-09102-3> 11/06/2022

Fentress, J.; Wictham, C. (1992). *Memória Social*. Lisboa: Teorema.

Fonseca, W.; Carola, C. R. (2017). Os rios e a vida: percepções para uma educação ambiental. *Revista Eletrônica dos Mestrado em Educação Ambiental*. Rio Grande, 34 (2), 136-155. <https://doi.org/10.14295/remea.v34i2.7009>

Griffiths, H. M.; Tooth, S. (2021). Remembering and forgetting floods and droughts: lessons from the Welsh colony in Patagonia. *Cultural Geographies*, 28 (2) 341-361. <https://doi.org/10.1177/1474474020963135>.

Halbwachs, M. (1987). *La Memoria Colletiva*. Edizione Unicopoli, Milano.

Kansteiner, W. (2002). Finding Meaning in Memory: A Methodological Critique of Collective Memory Studies. *History and Theory*, 41(2), 179-197.

Kondolf, G. M.; Pinto, P. J. (2017). The social connectivity of urban rivers. *Geomorphology*, 277, 182–196. <http://dx.doi.org/10.1016/j.geomorph.2016.09.028>

Madsen, W.; O'Mullan, C. (2013). Responding to disaster: Applying the lens of social memory. *Australian Journal of Communication*, 40(1), 57-70.

Mayán, M. O. (2021). Revivir el río que un día fue. *La Opinión – A Coruña* (27.10.2021). <https://www.laopinioncoruna.es/coruna/2021/10/27/revivir-río-día-58850825.html> Acesso em: 03/08/2022.

McEwen, L. J.; Krause, F.; Jones, O. et al. (2012). Sustainable flood memories, informal knowledges and the development of community resilience to future flood risk. In: Proverbs, D.; Mambretti, S., Brebbia, C.A., et al. (Eds.) *Flood Recovery, Innovation and Response III*. Ashurst: WIT Press, 253-264.

McEwen, L.; Garde-Hansen, J.; Holmes, A.; Jones, O.; Krause, F. (2017). Sustainable flood memories, lay knowledges and the development of community resilience to future flood risk. *Transactions*, 1, 14-28. <https://doi.org/10.1111/tran.12149> Acesso em: 03/08/2022.

Menezes, M. (1996). Património, Memória Social e Saber. *Mediterrâneo – Revista de Estudos Pluridisciplinares sobre as Sociedades Mediterrânicas*, 8/9, 271-288. Lisboa: Instituto Mediterrânico/UNL. [www.researchgate.net/publication/258628396\\_MENEZES\\_M\\_Patrimonio\\_Memoria\\_Social\\_e\\_Saber\\_Mediterraneo\\_N\\_89\\_UNL\\_Lisboa\\_1996\\_pp\\_271-288](http://www.researchgate.net/publication/258628396_MENEZES_M_Patrimonio_Memoria_Social_e_Saber_Mediterraneo_N_89_UNL_Lisboa_1996_pp_271-288) Acesso em: 03/05/2022.

Menezes, M. (2021). (Re)curtos ambientais escondidos (uns perdidos) e o que flui no imaginário de Lisboa: aproximações com a ciência cidadã. In Lopes, M. S. B.; Bragança, L. S. (Eds.) *Natureza Política: Rupturas, Aproximações e Figurações Possíveis*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura-UFMG, 209-223. <http://naturezapolitica.indisciplinar.com/wp-content/uploads/2021/12/e-book-natureza-politica.pdf> Acesso em: 03/08/2022.

Peixoto, P. (2016). Os usos sociais dos rios. In Peixoto, P. Cardiel J. P. (Org.) *A Água como Património – Experiências de Requalificação das Cidades com Água e das Paisagens Fluviais*, 56-70. Coimbra: Coimbra University Press. [http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1025-2\\_3](http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1025-2_3)

Prado, I. (2013). (In)Visível sob a Cidade: o projeto Entre Rios e Ruas. *Revista da UFMG*, 20(1), 298-305. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2685/1551> Acesso em: 18/07/2022.

Reque, J.A. (2013). Memória sobre os rios urbanos em Curitiba na perspectiva da História Ambiental. *Cadernos PDE, Vol. II*. Curitiba: Secretaria de Estado de Educação. [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2013/2013\\_ufpr\\_hist\\_pdp\\_joao\\_augusto\\_reque.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_ufpr_hist_pdp_joao_augusto_reque.pdf) Acesso em: 18/07/2022.

Rocha, A. L. C.; Eckert, C. (Org.) (2021). *Tempo e memória ambiental: etnografia da duração das paisagens citadinas*. Brasília: ABA Publicações. DOI: 10.48006/978-65-5973-032-2-1.

Santos, A.; Leirias, G.; Tibério, W. (2014). *Aqui passa um rio – Imersões na Liberdade*. São Paulo. [https://issuu.com/gabrielaleirias/docs/relat\\_rio\\_imersoes\\_na\\_liberdade](https://issuu.com/gabrielaleirias/docs/relat_rio_imersoes_na_liberdade) Acesso em: 18/07/2022.

Santos, G. R.; Kwamme, C. M. L.; Silva, F. O.; Young, J. (2021). Memória das Águas: resgatando a história e Mapeado das Fontes de Caçapava do Sul/RS. Atas 13º SIEPE – Ciência, Tecnologia e Inovação para um Planeta+ Humano, UNIPAMPA, Rio Grande do Sul, Brasil. [https://ei.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq\\_trabalhos/23399/etp2\\_resumo\\_expandido\\_23399.pdf](https://ei.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq_trabalhos/23399/etp2_resumo_expandido_23399.pdf)

Santos, M. M. D.; Costa, A. G.; Pereyra, R.; Oliveira, R.A. (2014). A Cartografia Histórica ao alcance de todos - Projeto de divulgação científica e de ações educativas do CRCH. *Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Cartografia*, Gramado/RGS. Sociedade Brasileira de Cartografia. Acesso em: 03/08/2022.

Soares, P. P. M. A. (2021). A cidade e suas margens: memória e práticas da água na Bacia do Una em Belém (PA). *Amazônica*, 13(2), 577-607. <http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v13i2.10018>

Song, S.; Wang, S.; Fu, B.; Dong, Yuxiang; Liu, Yanxu; Chen, H.; Wang, Y. (2021). Improving representation of collective memory in sociohydrological models and new insights into flood risk management. *Journal of Flood Risk Management*, 14:e12679. <https://doi.org/10.1111/jfr3.12679>

Yavuz, I. (2017). An Urban Memory Lost in Amnesia: Riverscape of Ankara. *Proceedings III International Congress of Architecture*, Vol. I, 303-315. Konya: Elale Offset. <https://www.ktun.edu.tr/Dosyalar/1002/files/uluslararaskongre%203%20a.pdf> Acesso em: 03/08/2022.

**Lista de sites sobre os projetos** (Acesso 20/6/2022).

[1] *Aqui passa um rio* – <https://aquipassaumrio.wordpress.com/>

[2] *Rios e ruas* – <http://www.mostrarioseruas.com.br/index.php>

[3] *Flood Memories* – <https://esrcfloodmemories.wordpress.com/>

[4] *Cartografia Histórica ao Alcance de Todos* – [https://www.instagram.com/cartografia\\_historica/](https://www.instagram.com/cartografia_historica/)

[5] *Parque Urbano de Fervença*, site do Município de Bragança – <https://www.cm-braganca.pt/servicos-e-informacoes/ambiente-e-sustentabilidade/espacos-verdes/poi/parque-urbano-do-fervenca>

- [6] Entre rios e ruas - <https://www.instagram.com/p/B8q30fsFvyU/>
- [7] Esquece Monelos – <https://www.imdb.com/title/tt7766122/>
- [8] Monelos River Revival – <https://cartolab.udc.es/monriver/proyecto>
- [9] Memorias del Río – <https://riourbanocr.wixsite.com/info/memorias-del-ro>
- [10] Coreografias da Água | Pensar o sítio de Lisboa – <https://www.guiadacidade.pt/pt/art/coreografias-da-agua-pensar-o-sitio-de-lisboa-303494-11?fbclid=IwAR009zF4MFNfDzhJz9w-29F6-Ug8KKYwWEjkj-JLgGna2LZhWGPkXQkx6dl>